



Editorial

Fevereiro: memória, oblação e vitalidade apostólica

Para Padre Dehon, o mês de **fevereiro** possui uma densidade espiritual e pastoral muito peculiar, iniciando-se com o mistério da Apresentação de Jesus no Templo, data que ele descreve como a “ *festa da oblação de Nosso Senhor* ” (NQT 40/103). Além disso, esta data remete às “ *graças místicas de 1878* ” (NHV 13/58), início das “ *luzes de oração* ” de Maria de Santo Inácio. Adicionalmente, o mês de Fevereiro também destaca figuras importantes para a tradição dehoniana, como **Nossa Senhora de Lourdes** (11 de fevereiro), **São Cláudio**



Apresentação do Senhor - Giotto di Bondonena (1304).

de la Colombière (15 de fevereiro) – o apóstolo encarregado de propagar a devoção ao Sagrado Coração (ASC 02/188) –, e a **São Matias** (24 de fevereiro, no Calendário pré-conciliar), reconhecido como o apóstolo da reparação, escolhido para substituir Judas em sua missão (ASC 02/318).

Particular atenção merece o dia **25 de fevereiro de 1888** (*Decretum Laudis*), uma “data sagrada” na história da Congregação, que demarca o fim da “idade heroica dos começos” (1878-1888) (NQT 44/153). O ponto central dessa transição foi o *Decretum Laudis*, que Dehon classificou como o “selo oficial” de aprovação da Igreja após a dolorosa prova do *Consummatum est* (cf. NQT 44/99). Com o início do processo de reconhecimento pontifício, a Obra, que já contava com aproximadamente 80 membros, consolidou-se simbolicamente como uma “flor que germinou e floresceu” entre os “arbustos e espinhos” (NHV 15/92).

Com a segurança jurídica do decreto, a Congregação ingressou em seu “período apostólico” (NQT 44/99). Percebe-se uma ampliação na compreensão de pastoral: uma visão anteriormente mais “conventual” deu lugar a uma abertura que produziu um apostolado que, como perfume, espalhou-se pelo mundo. O marco inicial desta expansão foi o envio da primeira missão ao Equador (NQT 44/99), depois ao Brasil (1893) e ao Congo (1897), sinalizando que a Obra deixava de focar apenas na estruturação interna ou nos contornos de uma diocese, para projetar-se como uma força missionária global.

Logo em seguida, esta nova estabilidade permitiu a Padre Dehon intensificar sua atuação social, recebendo do Papa Leão XIII, em setembro de 1888, a missão de “pregar suas encíclicas” (NHV 15/97). Este mandato impulsionou um período de maior fecundidade intelectual, resultando em obras como o *Manual Social Cristão* (1894) e o *Catecismo Social* (1898). Assim, a data de **25 de fevereiro de 1888** demarca uma nova estação na história da vida de Padre Dehon e da congregação e, como tal, a data merece memória e zelo.

Neste contexto de vitalidade apostólica da Obra, apresentamos os artigos deste terceiro número de **Informativo CELDE**:

O primeiro artigo – *Cst 2: a experiência fundante do carisma dehoniano* –, escrito pelo P. José Valdinã (BRE), aborda o significado do n. 2 das Constituições

como chave de leitura da identidade dehoniana, reconduzindo o leitor à experiência espiritual fundante de Padre Dehon e à sua atualidade para a vida e a missão da Congregação. Trata-se de um convite a reencontrar, nas origens, a fonte viva do nosso carisma.

O segundo artigo, sobre a obra *Pequeno Diretório para Reitores*, aborda a missão do superior como um “sacramento do amor”, ancorando a liderança dehoniana no Coração de Jesus, o Cristo mestre. A obra organiza os deveres do reitor (superior) em quatro pilares essenciais: amar com paciência, edificar pelo exemplo, instruir com solidez e corrigir enfocando na santificação. Trata-se de um guia prático e espiritual que permanece atual ao oferecer orientações para o cuidado integral dos membros de uma comunidade e ao recordar a relação fundamental da comunidade com seu superior.

O terceiro artigo apresenta um breve retrato do *P. Teodoro Eduardo Falleur*, um dos protagonistas silenciosos das origens da Congregação. A partir de sua estreita colaboração com Padre Dehon, o texto evidencia como sua vida foi marcada por um duplo serviço: o cuidado com o sustento material da Obra (foi primeiro ecônomo geral) e a preservação do patrimônio carismático. Trata-se de uma leitura que ajuda a compreender como o carisma se constrói também através da fidelidade cotidiana e do trabalho como expressão da oblação.

Na seção “Notícias”, reunimos detalhes sobre dois importantes eventos formativos que ocorreram em janeiro: o *Curso de Verão*, realizado no Seminário Dehonista de Lavras, e o *Curso de Preparação para Votos Perpétuos*, promovido no Convento SCJ, em Brusque.

Que este mês, emoldurado por datas congregacionais tão significativas, represente um início de ano abençoado para todos. Boas leituras.

P. Emerson Marcelo Ruiz, scj
Diretor do CELDE

Conhecendo a nossa Regra

Cst 2: a experiência fundante do carisma dehoniano

*Como a experiência de fé de Padre Dehon permanece
critério de identidade e fidelidade hoje*

P. José Valdinã Santos de Jesus, scj

A riqueza teológica-espiritual das nossas Constituições merece, da nossa parte, sempre uma abordagem mais atenta e acurada. Sabemos da importância da experiência pessoal do nosso venerável fundador, Padre Dehon, em sua vida de fé (cf. Cst 1-8) para os albores da nossa congregação “suscitada pelo Espírito” (Cst 1). Nosso intuito neste texto, contudo, é fixarmos nosso olhar em Cst 2 dentro deste quadro introdutório da primeira parte das nossas Constituições (Cst 1-8) a partir do espectro carismático do Fundador. Eis a seção que iremos estudar:

*Nosso Instituto tem sua origem
na experiência de fé vivida por Padre Dehon.
É a mesma experiência que São Paulo exprimiu assim:
Minha vida presente na carne,
eu a vivo pela fé no Filho de Deus
que me amou e se entregou
a si mesmo por mim (Gl 2,20).
O Lado aberto
e o Coração transpassado do Salvador
constituem para Padre Dehon
a expressão mais evocadora daquele amor
cuja presença atuante
ele experimenta em sua própria vida”.*

Se no primeiro número (Cst 1) foram abordados o dom e a missão do Instituto oriundos do Espírito, dentro de um contexto histórico específico de sua fundação e com todas as suas complexidades, no segundo número adentramos a uma espécie de afunilamento ou interioridade. Ou seja, partimos de uma visão geral e sintética para mergulhar na profundidade da experiência espiritual que alicerçou a Congregação em seus primórdios.

O objetivo de nossa análise é encontrar a definição da “experiência de fé vivida por Padre Dehon”, que é a “origem de nosso Instituto”. No entanto, antes de realizar essa tentativa, é necessário destacar alguns elementos lexicográficos que retornam algumas vezes entre os números 2 e 5 das Constituições. Isso pode ser verificado pelo estudo das palavras mais frequentes neste texto: experiência (3 vezes); amor/amar (6 vezes); fé (2 vezes); coração

(5 vezes); Cristo (4 vezes), além de outros termos cristológicos; Igreja (3 vezes).



Padre Dehon e as Constituições (por volta de 1918).

Partindo apenas deste aparato lexicográfico, deduz-se que a “experiência de fé” é uma realidade ligada a uma pessoa, em um contexto histórico, marcada por elementos volitivos e emocionais (realidades constitutivas da natureza humana) e por um vínculo profundo com uma comunidade de fé. Em seu íntimo, Padre Dehon viveu uma dimensão relacional com um Deus trinitário, que também manifestou sua interioridade, ou seja, seu Coração, na iniciativa primordial de amar e de receber uma resposta de amor.

Todavia, antes de conceitualizar a “experiência de fé de Padre Dehon”, é importante ressaltar que ele não foi apenas o fundador de uma instituição religiosa, mas um “pai carismático”. Segundo P. Alfredo Carminati, isto significa que a vida e a história da Congregação estão ligadas à *graça das origens, ao carisma do fundador*. Obviamente, sua experiência pessoal, íntima e contextualizada não é reproduzível, mas seu conteúdo e seu exemplo, continuam a ser de vitalidade para os membros da Congregação. Segundo P. Giuseppe Manzoni, o n. 2 de nossas Constituições mostra que a experiência de fé de Padre Dehon tem um “valor constitutivo”.

Para P. André Bourgeois, três são as fórmulas que condensam a experiência de fé de Padre Dehon segundo as Constituições: a) Cristo com sua presença amorosa atuante na vida de Dehon (n. 2); b) a sensibilidade à rejeição do amor de Cristo (n. 4); c) a vontade de corresponder ao amor desconhecido com uma adesão a Cristo que vem da intimidade do coração (nn. 4-5).

No contexto de Cst 2, especialmente devido à referência a Gl 2,20, observa-se que Padre Dehon adotou uma postura de obediência filial, estabelecida e conquistada pelo próprio Cristo, que manteve constante conformidade à vontade do Pai ao longo de sua vida terrena. Essa é, portanto, a chave de leitura para conceituar a experiência de fé na vida de Padre Dehon: foi-lhe possível entrar numa dinâmica vital do “sim” ao Pai, por Cristo, no Espírito, somente porque ele experimentou no lado aberto, no Coração traspassado do Salvador (cf. Jo 19,31-37), uma realidade profunda: aquela de “ser amado”. Ele vivenciou a experiência de um amor ativo, que toma a iniciativa, que veio primeiro ao homem, para que fosse possível criar um espaço de diálogo com Deus através da resposta de amor, do “sim”, da obediência, do cumprimento da vontade divina.

Segundo P. Umberto Chiarello, a experiência de fé de Padre Dehon, dessa forma, nos indica a importância da devoção ao Sagrado Coração de Jesus como uma realidade que vai além de aparatos externos e superficiais da prática devocional, e que se apresenta como um “projeto humano”, como uma verdadeira espiritualidade que dá um sentido transcendental à vida. É nesse sentido que, segundo as nossas Constituições, torna-se “propriedade” de Padre Dehon a experiência paulina de Gl 2,20:

“Minha vida presente na carne, eu a vivo pela fé no Filho de Deus que me amou e se entregou a si mesmo por mim”.

Em suma, a experiência de fé descrita em Cst 2 se configura como alicerce vivo que define a identidade dehoniana como uma resposta existencial ao amor redentor. Ao mergulhar na profundidade do Coração transpassado, o religioso dehoniano é convidado a transcender qualquer estampa de devoção superficial para assumir, como Padre Dehon, a dinâmica paulina do “sim”, de obediência ativa e da entrega total a Deus no cotidiano. Assim, Cst 2 permanece como a bússola espiritual que nos recorda que nossa missão “frutifica” (Cst 1) quando enraizada na certeza de sermos amados, transformando cada história dehoniana em um prolongamento da obediência filial e do amor atuante do Coração de Jesus no mundo.



“A adoração reparadora é a nossa audiência real de cada dia; é a nossa vocação”.

(Padre Dehon, Souvenirs – SVN 59)

Escritos do fundador

“Pequeno Diretório para Reitores”: um guia de formação para os superiores

P. Emerson M. Ruiz, scj

“*Pequeno Diretório para Reitores*” (PDR) é uma pequena obra publicada por Padre Dehon em 1919, mas também chamada no manuscrito de “*Superiores segundo o Sagrado Coração*”. Enquanto o primeiro título enfatiza seu caráter canônico, o segundo destaca a abordagem de liderança proposta por Padre Dehon, fundamentada no amor ao Coração de Jesus. Trata-se de um diretório, quase um “vade-mécum” composto por meditações e muitos conselhos práticos para um superior de comunidade religiosa.

O texto foi publicado no mesmo ano da última edição do *Diretório Espiritual* (DSP). Assim, é possível imaginar que esta obra também tenha sido escrita durante os “tristes anos da guerra” (DSP 482), quando Padre Dehon ficou por três anos quase isolado em São Quintino e teve uma rica e complexa experiência de vida fraterna.

A obra é composta de cinco capítulos:

1 – *Os superiores de acordo com nossas Constituições* (PDR 1-2), onde o autor apresenta os elementos da legislação particular naquilo que se referia ao superior de comunidade. Trata-se da parte canônica do PDR.

2 – *Os superiores de acordo com o Sagrado Coração, segundo o Bem-aventurada Margarida Maria* (PDR 3-9). Neste capítulo, Padre Dehon busca na “bem-aventurada” (ele sempre a nomeia deste modo pois foi canonizada somente em 1925) os fundamentos para que o Coração de Jesus seja verdadeiramente o superior na casa dos “Oblatos”. O fundador destaca que Jesus está no centro

dos atos de governo, afirmando que os superiores são meros representantes de seu amor: “Nosso Senhor Jesus Cristo é o único superior e aqueles que levam esse nome devem considerar-se apenas como seus delegados e, de certa forma, como os sacramentos do seu amor, mais ainda do que da sua autoridade divina” (DPR 3). Padre Dehon insiste sobre os ensinamentos que a beata deixou acerca dos a) sentimentos que devem animar os superiores em relação ao seu cargo (DPR 4), e b) sobre a maneira de governar segundo o espírito do Sagrado Coração (DPR 5-9).

3 – Os deveres de um superior (PDR 10-22) é o capítulo mais longo. Esta seção apresenta os deveres do superior como uma missão essencialmente espiritual e paterna, recebida de Deus, na qual ele é chamado a agir como pai e diretor das almas que lhe foram confiadas. O fundador discorre sobre os quatro deveres de um superior: “*amar seus filhos, edificá-los, instruí-los, corrigi-los*”. **Amar**, mediante uma caridade paciente e misericordiosa; **edificar**, oferecendo o testemunho de uma vida fiel à regra e unida a Deus; **instruir**, alimentando os religiosos com sólida doutrina e acompanhamento pessoal; e **corrigir**, sempre com finalidade medicinal, buscando não punir, mas santificar.



O texto afirma que a autoridade se torna eficaz ao ser fundamentada na conexão com o Coração de Jesus e exercida com a serenidade característica da maturidade pessoal. Em um contexto marcado por fragilidade vocacional, resistência à autoridade, personalismos, mudanças culturais e desafios comunitários, as diretrizes de Padre Dehon, corretamente interpretadas, continuam atuais, sobretudo quando recordam que somente a liderança enraizada na oração e no testemunho pessoal contribuem para comunidades fraternas e fiéis ao carisma. É

especialmente interessante notar como Padre Dehon se dirige de maneira paternal em DPR 21 ao tratar da “correção” de um confrade. Atualmente, esse texto pode ser entendido como ricas recomendações para diálogos difíceis, mas necessários, sempre guiados pela humanidade e pelo senso de dever que é próprio de um superior.

4 – *Máximas de São Vicente de Paulo* (PDR 23) é uma pequena seção que se resume a um número com dez frases de São Vicente sobre a Vida Fraterna em comunidade. Alguns exemplos: [5] “Nada é mais prejudicial para uma comunidade do que ser governada por superiores que são fracos demais, que procuram agradar e fazer com que sejam amados”; [9] “É mais fácil prevenir os abusos do que reformá-los”.

5 – *Conselhos aos superiores* (PDR 24), embora breve, é possivelmente a seção mais rica do Diretório pois é o extrato de uma Carta Circular publicada em outubro de 1892 (cf. LCC 115118/11-12). A frase inicial da carta mostra que o ofício de superior encontra seu eixo na oração: “Vocês devem àqueles que lideram o exemplo, a oração e o sacrifício. Os patriarcas ofereciam a Deus um sacrifício todas as manhãs para garantir que seus filhos não caíssem em pecado (Jó 1,5). Você deve orar todos os dias por todos em sua casa. Você deve oferecer a Deus por eles o sacrifício de suas mortificações e imolações diárias” (DPR 24).

Este pequeno diretório mostra a sua atualidade ao evidenciar a preocupação de Padre Dehon com a formação dos superiores: orienta sobre o modo de corrigir, pede paciência e atenção com os idosos, indica bibliografias, ensina a conversar e, sobretudo, está ancorado pelo grande senso prático que sempre o norteou e que também deve dirigir cada superior dehoniano junto à sua comunidade religiosa.

Em um momento em que o papel da autoridade religiosa são questionados, esta obra possui atualidade. O texto foi recentemente traduzido para o português brasileiro e o arquivo se encontra no **site do CELDE**.

Nossas origens

P. Falleur: O Primeiro Ecônomo da Congregação

P. Emerson M. Ruiz, scj



Nascimento: 17.06.1857

Profissão Religiosa: 21.11.1881

Votos Perpétuos: 17.09.1886

Ordenação Presbiteral: 23.09.1882

Falecimento: 01.05.1934

A história do P. Teodoro Eduardo Estanislau Maria Falleur (1857-1934) é uma das mais bem documentadas da Congregação, sobretudo em consequência do elevado número de cartas que enviou e recebeu de Padre Dehon, do envolvimento em vários projetos do início da Obra e da participação em todos os Capítulos Gerais (10!) até sua morte em 1934. Além disso, P. Manzoni escreveu sua longa biografia em 1990 (cf. *Studia Dehoniana* 24).

Teodoro Eduardo Falleur nasceu em 1857, no pequeno vilarejo de Effry, em Thierache (Aisne), ao sul de La Capelle, e fez seus estudos no seminário em Nossa Senhora de Liesse, na Diocese de Soissons. Enquanto frequentava o Seminário Maior, sentiu-se chamado à vida religiosa e, em 1879 entrou para a

recém-fundada Congregação de Padre Dehon. Tinha, naquele momento, 22 anos e foi um dos mais jovens da primeira geração.

Ele é o autor dos “Cadernos Falleur” (CFL): no período de Noviciado (final de 1879 a meados de 1881), redigiu cinco cadernos de anotações com “conferências e sermões” aos noviços, um documento precioso para o conhecimento das primeiras intuições do Fundador. Estes manuscritos revelam alguns traços da personalidade de P. Falleur: organização, registro de todas as informações, zelo pelo patrimônio carismático da Obra. Professou os votos em novembro de 1881 e foi ordenado sacerdote em setembro de 1882.



*P. Falleur (sentado) ao lado de algumas “vocações tardias”
no seminário de Brugelette (Bélgica), por volta de 1913.*

No início de 1883, Padre Dehon decidiu fundar um Noviciado fora da França - protegendo-o da perseguição às congregações religiosas – e, por isso, enviou para Sittard (Holanda) os padres Falleur e Francisco Lamour, que começaram o trabalho com pobreza e dificuldades. Segundo Padre Dehon,

foram enviados “alguns noviços, e não demorou muito para que lá recrutassem alguns postulantes (...) A Congregação agora parecia bem estabelecida. Ela tinha sua Casa-mãe do Sagrado Coração (Casa para adoradores e pregadores), a Escola apostólica em Fayet e o Noviciado em Sittard” (NHV 14/162), mas então veio o “Consummatum est” (dezembro de 1883) e tudo mudou! P. Falleur foi obrigado a deixar Sittard para assumir a Escola de Fayet, onde P. Captier, até então diretor, havia sido removido por força do decreto do Santo Ofício.

Posteriormente, foi diretor da “maîtresse” (uma espécie de escola) junto à Basílica de São Quintino (1886-1893), um trabalho vocacional e social com aproximadamente 50 crianças que ajudavam na liturgia das missas e recebiam educação da Igreja.

No Capítulo Extraordinário de 1888 (após o Decretum Laudis), o P. Falleur, que já ocupava a função de Ecônomo Geral, foi eleito Procurador Geral. Nesta função, ele manteve correspondência com os missionários espalhados pelo mundo e organizou um arquivo das cartas e informações recebidas.

Nos anos seguintes, dedicou-se à Escola de Fayet e ao Colégio São João, função que foi obrigado a deixar no período em que foi nomeado Superior do Noviciado de Fourdrain (1897-1905). Em 1912, fundou na Bélgica uma escola para “vocações tardias”, iniciativa que trouxe muitos consagrados para a Obra.

Foi Ecônomo Geral até sua morte, em 1934. O tempo em que permaneceu no cargo, mesmo após a morte do Fundador, testemunha como era respeitado, embora nem sempre tenha sido compreendido. P. Falleur vivenciou vários desafios dos primórdios: o “consummatum est”, a falta de recursos econômicos, as oposições ao Fundador, a expulsão da França... Acompanhou principalmente o problema da falta de dinheiro para uma Congregação que crescia rapidamente e precisava de recursos para manter seminários e missionários (cf. LCC 115720). Quem administrava essas urgências era P. Falleur, muitas vezes com acertos, outras com vacilos.

Escrever um breve relato sobre a história de P. Falleur é difícil, pois dispomos de muito material e sua vida se entrecruza com a complexa história das origens, marcada por dificuldades, projetos bem-sucedidos e outros falidos, perseverança e devoção. A abundância das informações testemunha especialmente a oblação vivenciada como pertença, pois os registros não falam do personagem, mas sim do apostolado zeloso dedicado à Congregação.

Concluindo, é possível afirmar que a história de P. Falleur sintetiza um duplo devotamento: imolou-se tanto pelo patrimônio material (economia) como pelo patrimônio carismático, não somente através do registro das conferências do noviciado (Cahiers Falleur), mas também na preservação de textos decisivos para compreender o desenvolvimento da Obra.

“Sem o trabalho, as coisas úteis e agradáveis ou não existiriam ou não serviriam a nada.”

(Padre Dehon, Manual Social Cristão – MSO 48)



Atualidades

Dehonianos realizam preparação intensiva para os Votos Perpétuos e o Diaconato no Convento SCJ em Brusque/SC

Fr. Roberto de Jesus Nascimento, scj

Entre os dias 05 e 24 de janeiro, o Convento Sagrado Coração de Jesus, em Brusque (SC), acolheu a Preparação para os Votos Perpétuos e o Diaconato, envolvendo as Províncias BRM (Brasil Meridional) e BSP (Brasil São Paulo).



Fratres Fernando, Jean Jacques, Tiago Waier, Flávio, Leonardo, Kelven, Bruno, Roberto, Janderson e Luiz Ciarini, acompanhados do magister, P. Lucas.

Participaram os 10 religiosos que farão os votos perpétuos em 21 de fevereiro e que foram acompanhados pelo *magister* do 4º ano do estágio de configuração, P. Lucas Luís Matheus de Mello.

Essa formação interprovincial teve como finalidade oferecer aos religiosos um caminho profundo de discernimento e amadurecimento humano-espiritual, integrando reflexão teológica, vida comunitária e experiência pastoral, à luz do carisma e das Constituições. Toda a programação foi concebida como um verdadeiro itinerário de configuração interior ao Coração de Cristo.

Os trabalhos formativos foram conduzidos por diversos assessores dehonianos das províncias BRM e BSP e abordaram, de modo orgânico, os principais pilares da vida e da missão religiosa. O aprofundamento dos votos ficou sob a responsabilidade do P. Rubens Rieg. O P. Odilo Leviski promoveu uma releitura histórica de Padre Dehon e das raízes espirituais e missionárias da Congregação, enquanto o P. Nilson Helmann destacou a fidelidade ao



carisma como critério de discernimento e avaliação da ação apostólica. A Mística do Coração foi apresentada pelo P. Josimar Baggio, como chave de leitura da realidade e inspiração do agir missionário. P. Miguel da Silva abordou autoconhecimento humano-afetivo, a maturidade pessoal e a liberdade interior. A dimensão missionária foi desenvolvida pelo P. Silvano da Costa, que situou a missão dehoniana no contexto latino-americano, reafirmando a identidade da Congregação: "somos religiosos-apóstolos, enviados a anunciar o amor de Deus revelado no Coração de Cristo". Por fim, P. Emerson Ruiz, tratou da relação entre a Vida Religiosa Consagrada e o Ministério Ordenado, a partir de alguns textos do Fundador, enquanto o P. Renato Vieira, ofereceu orientações litúrgicas práticas para uma vivência celebrativa consciente e fiel.

A programação contou ainda visitas a lugares significativos no apostolado e na história da Congregação em Santa Catarina, como a Faculdade e Colégio São Luiz, o Santuário Santa Paulina e Nereu Ramos (Túmulo do P. Aloísio Boeing e Fraternidade Mariana do Coração de Jesus), além de momentos de convivência fraterna, incluindo o encontro com o Superior Provincial da BRM, P. Sildo da Costa, que deixou orientações aos religiosos que estavam realizando o curso preparatório intensivo. Os participantes ainda passaram por um retiro espiritual entre os dias 24 e 29 de janeiro, na Casa Dehon, em Brusque, sob a orientação do P. Flávio Passos.

Mais do que uma etapa formativa, a preparação para os votos perpétuos e o diaconato se apresenta como um verdadeiro caminho de configuração ao Coração de Cristo, no qual estudo, convivência, oração e missão se entrelaçam. Como desejava o nosso pai fundador Padre Dehon: "Quero formar apóstolos do Coração de Jesus, servidores da Igreja, homens de interioridade e de generosa doação".

Formados no Coração de Cristo: Curso de Verão 2026 em Lavras

P. Flávio Marcos dos Passos, scj

De 11 a 24 de janeiro de 2026 aconteceu nas dependências do Seminário Dehonista, em Lavras, MG, o **Curso Anual de Verão dos Seminaristas** da etapa do Discipulado – Filosofia – da Província BSP.

Foi um momento muito rico para a formação Carismática e Espiritual dos nossos seminaristas. O tema geral escolhido para este ano foi “O Carisma e Espiritualidade Dehoniana”.



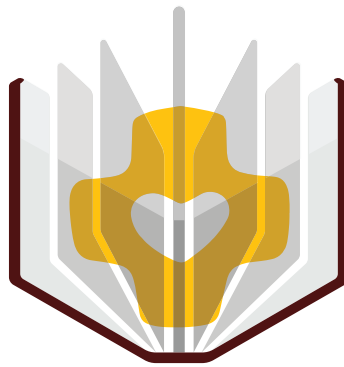
Seminaristas João Victor, Vinícius, Thiago Dias, Jeferson, Pedro, Luan, André, João Carlos, Thiago Campos, Daniel, Yan, Sebastião, Natan, Giovani, Rafael, Eduardo, Cleilson, Miguel, Luiz, Mateus com P. Renan Picheli da Silva na capela do Seminário Dehonista.

Este evento formativo contou com a preciosa colaboração de diversos religiosos que abordaram temas fundamentais do patrimônio carismático: P. Alex Simão (*A Espiritualidade Dehoniana e a formação*), P. Emerson Ruiz (*O Carisma e a Espiritualidade Dehoniana*), P. Vitor de Jesus Nascimento (*A Espiritualidade que sustenta a missão: a reparação dos adictos da Fazendinha Padre Israel*), P. Victor Barbosa (*O Ecce ancila de Maria*) e P. Túlio (*A Espiritualidade Dehoniana na pastoral paroquial*). Por fim, e não menos importante, o P. Renan Picheli da Silva conduziu o retiro com o tema: "*Olharão para aquele que transpassaram*" (Jo 19,37).

O curso de Verão 2026 um momento muito rico de vivência fraterna e de estudo para o aprofundamento do Carisma e da Espiritualidade que fundamentam a nossa missão.



Encontro dos seminaristas na Igreja Matriz de Santo Antônio, na cidade de Tiradentes/MG.



CELDE

Centro de Estudos
Léon Dehon